



O LETRAMENTO LITERÁRIO COMO UMA PROPOSTA HUMANIZADORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A LITERATURA CLARICIANA TOMA CONTA DA SALA DE AULA

LITERARY LITERACY AS A HUMANIZING PROPOSAL TO TEACH YOUTH AND ADULT EDUCATION: THE CLARICIAN LITERATURE IN THE CENTER OF THE CLASS

Márcia Denise da Rocha Collinge 
Maria da Luz Lima Sales 

RESUMO

O presente trabalho visa a apresentar uma proposta dialógica e humanizadora de trabalho com alunos inseridos na Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil, a partir do Letramento literário. Elegeram-se, para este pleito, algumas obras de caráter juvenil da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977), quais sejam: *O mistério do coelho pensante* (1967); *A Mulher que matou os peixes* (1968); *A vida íntima de Laura* (1974); *Quase de verdade* (1978) e *Como nasceram as estrelas* (1987). Para tanto, contextualizaremos a importância do letramento literário para esta fase da educação brasileira, ressaltando a importância da leitura fluida e da compreensão integral dos textos como elementos fundamentais para a humanização pedagógica no trabalho com jovens e adultos. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo e de uma pesquisa eminentemente bibliográfica, a qual poderá desdobrar-se em um projeto de ensino aplicado ao EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de jovens e adultos. Letramento literário. Proposta de sequência didática. Clarice Lispector. Pedagogia emancipadora.

ABSTRACT

This article aims to present a dialogical and humanizing proposal to teach students inserted in the program “Educação de Jovens e Adultos” (Youth and Adult Education) – EJA in Brazil, based on literary literacy. Some children’s books by the Brazilian writer Clarice Lispector (1920-1977) were chosen for this study, namely: *O mistério do coelho pensante* (1967); *A Mulher que matou os peixes* (1968); *A vida íntima de Laura* (1974); *Quase de verdade* (1978) and *Como nasceram as estrelas* (1987). For this, we will contextualize the importance of literary literacy for this phase of Brazilian Education, emphasizing the importance of fluid reading and full comprehension of texts as fundamental elements for pedagogical humanization in working with young people and adults. It is a qualitative study and eminently bibliographic research, which can unfold in a teaching project applied to EJA.

KEYWORDS: Youth and adult education. Literary literacy. Proposal for a didactic sequence. Clarice Lispector. Emancipatory pedagogy.

INTRODUÇÃO: O SABOR DO SABER LITERÁRIO PARA A EJA

O presente trabalho acredita que a Educação de Jovens e Adultos (EJA), qual sistema significativo para a sociedade brasileira, precisa receber um olhar diferenciado e cuidadoso dos educadores, voltando-se para o desenvolvimento das potencialidades individuais, do trabalho transformador e da profissionalização que valoriza a vida do educando. Desse modo, aproximar-nos-emos das apreciações freirianas para uma concepção libertadora e de forte inserção social visando ao igualitarismo, a partir da formação de sujeitos críticos e dispostos a marcar positivamente a sociedade na qual estão inseridos. Nesse sentido, apresentamos uma prática pedagógica crítica e criativa para o desenvolvimento do letramento literário, gerando autonomia na forma de tais jovens e adultos lerem e compreenderem o mundo e a realidade que os circunda.

Ler é mais que decifrar códigos. Antes, é despertar a criticidade e levar o alfabetizando a relacionar palavras com as possibilidades do mundo, de modo a saber usar também a sua palavra para modificar o mundo em seu entorno. Portanto, valorizar saberes e ideias destes jovens e adultos através das práticas de letramento literário é transformar nossa própria concepção de mundo, através da sensibilidade e da humanização. Afinal, para que um ser humano exerça seus papéis sociais, políticos e culturais é vital que saiba ler e compreender bem este mundo. Portanto, acreditamos que a leitura literária autônoma, interpretativa, analítica e imaginativa é o passaporte para esse progresso.

Nessa viagem aos meandros do texto literário, com as lentes necessárias para uma melhor leitura do mundo, precisamos admitir o que revelam os sistemas nacionais de avaliação escolar no Brasil, o ENEM e o SAEB, bem como o relatório internacional PISA: os estudantes brasileiros são despreparados, em todos os níveis, para ler os mais diferentes tipos de textos. Portanto, este trabalho apresenta uma proposta de formação de leitores competentes – seja de gêneros do discurso em geral, seja de gêneros literários – para além da EJA, levando-os a cultivar, em suas vidas, o hábito regular de leitura.

A grandeza desse empreendimento enriquece com novos sabores a nossa sociedade pelos nupérrimos saberes que propõe. Considerando que a origem latina da palavra saber é sabor, ao acrescentar o ingrediente de sabor ao saber escolar, pelo sal das palavras, a literatura, este projeto será capaz de resgatar o gosto pelo

ensino da Literatura na EJA, através da obra de Clarice Lispector, transformando essa inclinação às palavras em um saber profundo, dinâmico e fecundo. Assim, o objetivo geral deste trabalho é revelar como a obra de Clarice Lispector, tão difundida entre jovens e adultos, sobretudo por citações “psicologizantes” na internet, pode ser um instrumento que permita aos alunos adentrarem à leitura literária, modificando sua forma de ler o mundo, de forma mais valorosa e eficaz.

Ademais, a importância do trabalho justifica-se pela visão da leitura literária como uma necessidade básica, universal e essencial a todos os seres humanos, em concordância com o mestre Antonio Candido, que em seu *O direito à literatura* (2004) assegura que não pode existir harmonia social enquanto não usufruirmos desse rico manancial chamado literatura — um direito de todos, por nos propiciar instrução e educação, sensibilizando-nos e humanizando-nos, ampliando nossa capacidade de enxergar o mundo e ao mesmo tempo de senti-lo. Acreditamos, portanto, que a literatura é uma chave para a construção base do processo de autonomia para leitura e escrita do mundo na EJA.

Exporemos, por conseguinte, uma proposta de sequência didática a partir da leitura das obras juvenis aqui apresentadas em seus aspectos humanizadores e dialógicos: *O mistério do coelho pensante* (1967); *A Mulher que matou os peixes* (1968); *A vida íntima de Laura* (1974); *Quase de verdade* (1978) e *Como nasceram as estrelas* (1987), de Clarice Lispector. Esperamos que este trabalho pioneiro fortaleça e frutifique outras ações inclusivas do texto literário como elemento humanizador para a EJA.

Trata-se de um olhar renovador acerca do ensino de literatura para a EJA, sobretudo ao apresentar uma proposta de sequência didática que privilegia a visão de Antonio Candido e Roland Barthes sobre as relações entre texto e contexto, bebendo ainda em mananciais de sabedoria popular, pois para vencer na missão de ensinar literatura é necessário eliminar do embate “as mais temíveis inimigas de qualquer educador: a arrogância, a indiferença e a ignorância. Separadas podemos combatê-las e vencê-las, juntas são imbatíveis” (Cosson, 2009, p. 10). Avancemos.

1 A LITERATURA CLARICIANA TOMA CONTA DA SALA DE AULA NA EJA

Sabe-se que a língua é uma ferramenta indispensável para o ser humano. Por meio dela, estabelece-se uma forma de ser entendido e entender o outro. Para que essa comunicação ocorra de maneira clara e objetiva, utiliza-se o enunciado, que

consiste em construções de frases escritas que expressam o pensamento do indivíduo. A literatura é um universo artístico imensurável que se abre para múltiplas possibilidades. No trabalho com a EJA, que envolve a sensibilidade de despertar as potencialidades do aluno, a literatura apresenta-se como instrumento capaz de contribuir para a formação de um público leitor capaz de ler e ver o mundo de forma mais ampla e renovadora, conforme pode-se depreender do comentário da pesquisadora Marisa Lajolo, vencedora do Prêmio Jabuti, em 2014, com sua obra *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*:

Mundo da leitura, leitura do mundo: onde acaba um e começa a outra? Talvez os limites sejam esgarçados, aquela terceira revisão de literatura margem do rio de que fala Guimarães Rosa... Muito embora estreitamente entrelaçados na vida real, mundo da leitura e leitura do mundo distinguem-se aqui; invocando a temporária suspensão do real que os livros patrocinam como forma de iluminar e fecundar o retorno ao real, em cada parte do livro predomina um deles (Lajolo, 2011, p. 7).

Evidencia-se, nesse ínterim, a importância da literatura para que os jovens e os adultos brasileiros desenvolvam suficientemente habilidades básicas de análise e interpretação de textos literários, tais como levantamento de hipóteses e juízos de valor; rastreamento de pistas ou marcas textuais; reconhecimento de recursos estilísticos e de sua função semântico-expressiva; relações entre a forma e o conteúdo do texto; conexões entre os elementos internos e os elementos externos — sociais e históricos; vínculos entre o texto e outros textos, no âmbito da tradição; relações entre texto verbal e texto não verbal, dentre tantas outras competências para ler o mundo.

Infelizmente, no Brasil, a memória relativamente recente das práticas de ensino de literatura, sobretudo conforme trabalhada para a EJA, foi implementada a partir de uma concepção tecnicista de ensino que organiza os conteúdos de forma mais simples e palatável, sem contato com os textos literários. Nesse sentido, o curso acaba voltado essencialmente para a informação e distancia-se do universo mágico da literatura. Ao privilegiar a memorização de informações, muitos alunos concluem seus anos de aprendizagem escolar sem conseguir ler o mundo (Freire, 2008), ou seja, sem a capacidade desenvolvida de analisar, comparar, interpretar, levantar hipóteses, inferir, transferir, explicar, argumentar — habilidades

indispensáveis para um leitor competente de textos que circulam no mundo, o qual poderia até mesmo seguir para o mundo acadêmico.

Ao tocar na dimensão de tornar os alunos mais autônomos e independentes, fortalecemos a crença de que o aluno da EJA é capaz de ler e escrever por caminhos diversos e após o incentivo ao contato com a literatura, eles sentir-se-ão abalizados para reagir ao mundo a sua volta, pois a literatura é um direito inalienável em sua condição de humanização e enriquecimento do ser e da sociedade, da personalidade e do grupo, como bem quis o professor Antonio Candido:

[a literatura] é uma necessidade universal imperiosa [...] fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético (Candido, 2004, p. 179-180).

Assim, justifica-se a importância do trabalho literário com a EJA para multiplicar sementes literárias nas mentes e corações de diferentes pessoas, personas e personalidades — elo fundamental para satisfazer necessidades atuais em nossas vidas e torná-los letrados. Afinal, professores e alunos da EJA acreditam no crescimento humano e devem reconhecer que negar a fruição da literatura ao aluno de EJA representa mutilar a nossa humanidade.

Obviamente, este trabalho leva em consideração que o conteúdo a ser desenvolvido na EJA pode variar de acordo com as necessidades de cada aluno, ao observar atentamente as dificuldades e as potencialidades em particular de cada um, buscando o melhor método no processo de ensino-aprendizagem. É por isso que apresenta uma proposta de trabalho e não uma fórmula estanque, mas traz à baila uma análise fruto de investigação eminentemente bibliográfica, qualitativa e crítico-reflexiva, para, desse modo, favorecer a formação de leitores, concedendo instrumentos para que professores e alunos da EJA se atualizem, busquem as informações, conheçam, explorem, tenham seu ponto de vista, vivam as emoções narradas nas leituras e consigam expressar-se ao máximo, seja através da oralidade, da leitura ou da escrita. Para tanto, o letramento literário é imprescindível, conforme conceituado por Rildo Cosson:

Quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo. [...] A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem. [...] Isso ocorre porque a literatura é

plena de saberes sobre o homem e sobre o mundo (Cosson, 2009, p. 16).

Retiramos, portanto, a literatura de uma redoma de mistérios e a colocamos no centro do processo de escolarização, de modo a propiciar o letramento literário — processo que assegura o domínio da literatura ao aluno, a partir de um tratamento diferenciado. Nesse caso, a partir de uma autora muito próxima do cotidiano dos alunos, sobretudo através das mídias eletrônicas: Clarice Lispector, porém a qual poucos realmente conhecem os meandros da escrita literária, mas certamente já ouviram falar por suas máximas tão conhecidas no Brasil. Clarice fala do humano.

Indo adiante, a aproximação dos alunos da EJA com a obra da escritora ucraniana naturalizada brasileira Clarice Lispector apresentará aspectos lúdicos, sem abandonar elementos canônicos. Assim, apresentaremos as obras que serão apreciadas, a partir de uma seleção cronológica, de modo a explicitar os elementos literários que podem ser trabalhados com o público-leitor da EJA, a partir de uma proposta de letramento literário.

O mistério do coelho pensante (1967) foi a primeira obra da autora destinada ao público infanto-juvenil, no ponto em que esta já se havia consagrado pela publicação de romances densos como *Perto do coração selvagem* (1944); *O lustre* (1946); *A cidade sitiada* (1949). Em nota que antecede o livro, a autora deixa claro que o texto pressupõe a leitura oral, por um adulto, que terá por tarefa contribuir para o preenchimento das entrelinhas.

E os vazios de significação são muitos, pois a narrativa é esgarçada e traz muitas perguntas. Nesse sentido, consideramos que a obra pode abrir caminhos para a leitura oralizada e imaginativa dos alunos da EJA, sendo um fator propulsor para lidar com a “crise de leitura” (Zilberman, 2012, p. 13), de modo a estimular o nível de consumo de material impresso, ao ponto que o contato com a literatura seja feito pelo prazer e não por obrigação — de modo a passar pelo primeiro nível da leitura, segundo o semiólogo francês Roland Barthes: “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura” (Barthes, 1987, p. 20-21).

O enredo de *O mistério do coelho pensante* centra-se no protagonista Joãozinho, que cheirava ideias, e inventa uma maneira de sair de sua jaula quando não há comida. Os humanos percebem e não deixam mais de dar-lhe alimento. No entanto, o coelho deseja muito mais do que seus donos lhe oferecem, e sua vida

passa a ser “comer bem e fugir, e sempre de coração batendo” (Lispector, 1999, p. 11). Mais do que pela aventura, o animalzinho de estimação tomara gosto pela liberdade, e é fora da jaula que ele consegue realmente ser um coelho pensante e feliz, em constantes descobertas. Afinal, “só há dois modos de descobrir que a Terra é redonda: ou estudando em livros, ou sendo feliz. Coelho feliz sabe um bocado de coisas” (Lispector, 1999, p. 20).

A poética clariciana fica evidente no enredo fluido, nas dúvidas e nos questionamentos, transmutando-se numa narrativa de mistério, todavia sem exigir a solução de enigmas, mas dando ao leitor a possibilidade de colocar-se na pele de um outro, de pensar de diferentes ângulos. A empatia e a alteridade manifestam-se como elementos de suma importância a serem trabalhados na EJA, através do contato com o literário.

O ato de ler ganha ainda mais profundidade no que demanda ao desenvolvimento da percepção e da concentração no trabalho de letramento com a segunda obra infanto-juvenil de Clarice Lispector: *A mulher que matou os peixes*, lançada em 1968. A partir de um endereçamento direto ao leitor, a narradora confessa: “Essa mulher que matou os peixes, infelizmente, sou eu” (1968, p. 5), e pede perdão à humanidade, uma vez que se esqueceu de alimentar os peixinhos vermelhos no aquário de casa:

Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu. Mas juro a vocês que foi sem querer. Logo eu! Que não tenho coragem de matar uma coisa viva! Até deixo de matar uma barata ou outra. Dou minha palavra de honra que sou pessoa de confiança e meu coração é doce: perto de mim nunca deixo criança ou bicho sofrer. Pois logo eu matei dois peixinhos vermelhos que não fazem mal a ninguém e que não são ambiciosos: só querem mesmo é viver. Pessoas também querem viver, mas infelizmente também aproveitar a vida para fazer alguma coisa de bom. Não tenho coragem ainda de contar agora mesmo como aconteceu. Mas prometo que no fim deste livro contarei e vocês, que vão ler essa história triste, me perdoarão ou não. Vocês hão de perguntar: por que só no fim do livro? E eu respondo: – É porque no começo e no meio vou contar algumas histórias de bichos que eu tive, só para vocês verem que eu só poderia ter matado os peixinhos sem querer. Estou com esperança de que, no fim do livro, vocês já me conheçam melhor e me dêem o perdão que eu peço a propósito da morte de dois “vermelhinhos” – em casa chamávamos os peixes de “vermelhinhos”. Eu sempre gostei de bichos. Tive uma infância rodeada de gatos (p. 5); [...] coelhos (p. 8); [...] pintos (p. 9); [...] cachorros (p. 9); [...] macacos (p. 13) (Lispector, 2011, p. 5).

Dessa forma, o núcleo do enredo passa a dissolver-se na profusão de histórias de bichos e no fluxo do pensamento do contador, gerando fraternidade e solidariedade no enfoque ao tema acerca dos animais ao leitor em formação, cuja sintonia atinge o ápice na pergunta final da narradora: “Vocês me perdoam?” (Lispector, 2011, p. 22), de modo que a obra leva o leitor a responder indagações despertadas a partir de um movimento autônomo e livre, pelo qual o texto pensa junto e não pelo leitor.

Por tratar-se de um gênero literário em forma simples, o conto acaba revelando o poder caleidoscópico da literatura como uma espiral de linguagem que permite que os alunos da EJA, além da leitura coletiva da obra clariciana, que pode converter-se em uma atividade lúdica, consigam também a iniciação devida no mundo da escrita literária, pois o docente da EJA pode estimulá-los para que criem e contem suas próprias histórias em formato de conto acerca de experiências vividas com os animais.

Caso o trabalho de letramento esteja sendo realizado com alunos da zona rural, ainda mais ideias e possibilidades podem surgir — como fazer um sarau ou varal de contos acerca dos animais — tema caro à escrita de Clarice Lispector, e que fascina e encanta leitores do texto e do mundo, já que é a leitura do mundo que precede a leitura do texto (Freire, 2008), em atividades de valorização das experiências prévias dos estudantes e leitores em formação na EJA — a partir do acercamento ao mundo dos bichos e dos homens, o que nos leva à aproximação com a terceira obra clariciana a ser trabalhada.

A vida íntima de Laura, publicada em 1974, conta a história da galinha Laura que “tem o pescoço mais feio do mundo! Entretanto, o que mais importa é ser bonito por dentro” (Lispector, 2011, p. 6), uma galinha simples e esperta que usa de muitos artifícios para não virar alimento na mesa da casa da família em cujo quintal vive. O narrador faz o leitor pensar em sua beleza interna e refletir acerca desse importante e atual tema: o que é a beleza interior? Nesse sentido, estamos diante de um fenômeno literário no qual o que se caracteriza especialmente é “a consciência, tramada pela escrita ficcional, dos impasses situados entre a palavra e o mundo que ela reconfigura” (Dias *et al*, 2010, p. 10). Assim, a obra desencadeia no leitor o *cogito ergo sum*, isto é, pensar sobre temas necessários e fazer brotar-lhe a consciência, de modo que um texto aparentemente leve pode despertar o aluno leitor a cogitar sobre temáticas como o machismo.

Afinal, Laura tem um marido vaidoso chamado Luís, que canta toda madrugada, pensando que “manda na Lua e no Sol” (Lispector, 2011, p. 6). Essa é sua verdade: os vaidosos acreditam no que querem acreditar e não adianta o mundo inteiro o negar. Luís passeia “o dia inteiro entre as galinhas” (Lispector, 2011, p. 6) de peito inflado, afinal precisa cantar de galo, pois é ele quem manda, o que indica sua prepotência, ou o machismo, uma atitude típica dos soberbos.

No conto de Clarice, o que há de mais belo é o sentimento de humanidade de um narrador que não mataria galinhas, tampouco D. Luísa, personagem humana dona das galinhas, teria coragem de matá-las. Porém, se o narrador da história, que ama tanto as galinhas, gosta de comê-las, encontramos aí uma contradição: “As pessoas são uma gente meio esquisitona” (Lispector, 2011, p. 13). Mas a humanidade encontrada na obra clariciana se deve à empatia (sentimento antirracista e de inclusão), à valorização e ao cuidado consigo mesmo (amor-próprio) e à autonomia, todos relacionados, de certa forma, uns aos outros.

A autonomia é destacada por Adorno (2000) – com base em Kant –, em Educação e Emancipação, o qual idealiza uma escola que se preocupe com a autonomia do educando, favorecendo seu pleno desabrochar. E para construir a autonomia no discente, Adorno propõe dois importantes agentes para a mudança: o primeiro é a reflexão ou autorreflexão, o que chama de *autodeterminação*. Como autodeterminação, o estudioso recomenda que a aluno exercite a decisão própria, ou seja, deve resolver por si mesmo seus problemas e, sem interferências externas, fazer suas escolhas, antes, porém, precisa refletir sobre elas. A segunda chama-se *não-participação*, pela qual o aprendente deve ser forte o bastante a fim de resistir às pressões exteriores. Para que tal processo se consolide, uma das possíveis saídas é que o leitor tenha contato com a literatura, aquela que o leve a sair de sua zona de conforto, transporte-o a outros mundos e o faça conhecer a alteridade. Na obra em pauta, identificamos, pois, várias ocasiões de convites do narrador ao leitor a fazer o exercício da empatia.

O humanismo de Clarice espalha-se por todo o conto. Seu narrador assume as proposições iniciais e conclui depois que, se Deus criou as galinhas e já que Laura existe no mundo é porque Deus gosta dela. Esse silogismo é transportado para o leitor: 1) Deus o criou (como também, as galinhas); 2) você é criatura de Deus; 3) então, Ele gosta de você: “Deus gosta de você também senão Ele não fazia você” (Lispector, 2011, p. 12). Uma proposta de letramento literário extremamente rica e

humanística, a qual pode desenvolver ainda mais as potencialidades do *cogito ergo sum* dos alunos da EJA.

Favorecendo ainda mais o fortalecimento da consciência e a provocação ao desenvolvimento da sensibilidade de nossos alunos, a quarta obra clariciana proposta para o letramento literário é *Quase de verdade*, datada de 1974. A história do cachorro Ulisses e de sua dona, Clarice, propõe questões, simples e complexas, e torna deslizantes os conceitos de real e ficção, de mentira e verdade. Afinal, a estratégia de construção do texto mostra Ulisses como observador, enquanto Clarice, que entende seus latidos, escreve o que lhe é contado por ele. Assim, na história lida para Clarice escrever, mais recursos de desenvolvimento da oralidade podem ser trabalhados dentro e fora da sala de aula da EJA.

A trama, que atinge foros de alegoria, gira em torno de uma figueira invejosa, que se empenha em escravizar as galinhas para obter lucro, até a rebelião das galinhas que pelo auxílio de uma bruxa, apagam o brilho da figueira. A obra, escrita na época da censura militar brasileira circunda uma história de poder e dominação, e assim como teve um papel importante na renovação da literatura infantil brasileira, pelo abraçar do lirismo pela pedagogia, busca explorar a voz do leitor por tocá-lo em seus estados emocionais por perguntas e afirmações que se ampliam. É o caso a indagação final da narrativa, que fica no ar, sem resposta: “engole-se ou não o caroço de jabuticaba?” (Lispector, 2011, p. 64).

A última obra de Clarice que propomos usar para o letramento literário dos alunos de EJA, em qualquer módulo que estejam, é *Como nasceram as estrelas*, publicada em 1987, a qual contém doze lendas brasileiras fundadas na tradição oral – cada uma relativa a um mês do ano, quais sejam: 1) Janeiro: “Como nasceram as estrelas”; 2) Fevereiro: “Alvorço de festa no céu”; 3) Março: “O pássaro da sorte”; 4) Abril: “As aventuras de Malazarte”; 5) Maio: “A perigosa Yara”; 6) Junho: “Uma festança na floresta”; 7) Julho: “Curupira, o danadinho”; 8) Agosto: “O negrinho do pastoreio”; 9) Setembro: “Do que eu tenho medo”; 10) Outubro: “A fruta sem nome”; 11) Novembro: “Como apareceram os bichos” e 12) Dezembro: “Uma lenda verdadeira”.

As relações de comunicação, próprias da oralidade, encontram-se firmes nas narrativas, acrescidas de intromissões: “Será que a moral desta história é que o bem sempre vence? Bom, nós todos sabemos que nem sempre. Mas o melhor é a gente ir-se arranjando como pode e dar um jeito de ser bom e ficar com a consciência

calminha” (Lispector, 1999, p. 37). O pacto de leitura, na esfera das lendas, coloca em jogo sintonias entre texto e leitor, ao estabilizar formas simples e colaborar para a fixação do imaginário brasileiro. Os contos e as lendas, pertencentes a regiões várias do país e derivados de culturas diferenciadas, culminam, no mês de dezembro, com “Uma lenda verdadeira”, que apresenta o nascimento de Cristo, narrado com simplicidade e lirismo.

Segundo Luzia de Maria, em seu texto “O que é conto” (1986, p. 10), “o conto se apresenta de forma simples, com ênfase na expressão do maravilhoso e uma linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente passando de geração a geração”. O conto desde sua forma primitiva (narrativa oral) era narrado pelos povos antigos em noites de luar... Ingênuas histórias de bichos, lendas populares ou mitos. Sabe-se que o gênero conto tem suas raízes na tradição oral e muitos deles fazem parte de um referencial de escritura que sobrevive a épocas, pessoas e vidas. Quem nunca ouviu histórias ditas fantásticas, transmitidas por pessoas interioranas ou cidadinas, ou seja, narrativas que sobrevivem pela tradição oral?

As lendas trazem sempre um fundo oral e não foram criadas simplesmente para assustar. Elas servem como freios para coibir erros humanos, mostrando através de belíssimas mensagens, sobretudo de que o crime, a inveja, a mentira e outros males que afligem o ser humano são inaceitáveis, inconcebíveis e repudiados. A existência de extraordinários seres lendários, como o Curupira, o boto e a Matinta Pereira, que dão origem a tão belos contos é digna de ser estudada e analisada pelos alunos da EJA, em atividades tornadas possíveis graças ao letramento literário e ao olhar humanizado ao contato com a literatura nesta fase da vida do jovem e adulto brasileiro que precisa valorizar e ter valorizada a sua identidade, como alerta Coelho:

Adquirir culturas (saberes essenciais) não significa acumular conhecimento, mas sim organizá-los em torno de eixos de ideias, num determinado contexto que seja significativo para o sujeito. [...] sem estar integrado num contexto, nenhum saber tem valia, por mais sofisticado que seja, isto é, não provoca no sujeito um dinamismo interno que o levaria a interagir com outros saberes e ampliar o conhecimento inicial ou transformá-lo (Coelho, 2000, p. 25).

Adquirir culturas e saberes transformadores. Essa é a máxima da metodologia adotada neste trabalho inovador, mas inspirado em pensadores tais como Nelly Coelho, Paulo Freire e tantos outros, que refletem sobre a necessidade de uma leitura comprometida com a praticidade da vida, mas também com a beleza pode e

deve levar a vida de todos. A literatura existe para ser degustada e deleitada. Ela não é necessariamente útil, mas traz consigo uma gama de conhecimentos que têm potencial para ajudar-nos a sermos “mais” em momentos variados da vida porque quem lê mais, enxerga mais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Passaremos, agora, a visualizar como podemos trabalhar com tais questões que abrangem o gosto pela leitura e o envolvimento por ela em sala de aula. A título de exemplo, com alunos do 2º ano da EJA – etapa não inicial, que já traz jovens e adultos com um conhecimento adquirido da fase anterior –, para efeito ilustrativo dos conceitos e visões teóricas apresentadas neste trabalho, de modo a dialogizar a teoria e a prática, texto e vida.

Baseando-nos na definição de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz sobre as sequências didáticas como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 27), segue abaixo uma sugestão de plano de aula em torno do conto clariciano, sobretudo os apresentados na obra *Como nasceram as estrelas*, podendo ser utilizado para trabalhar os outros contos adaptando a metodologia, mantendo como objetivo maior o letramento literário qual trabalho humanizador, fazendo uso do que já foi explanado no corpo do trabalho:

Quadro único: Metodologia de aula para prática de letramento literário humanizador

AULA 1	Objetivo	Metodologia	Recursos	Tempo
► Contação de lendas regionais	► Rememorar aos alunos as lendas de sua região	Após uma breve explanação acerca de contos e narrativas da oralidade, serão contadas algumas lendas regionais	Tapete em forma de roda para que os alunos fiquem à vontade para contar histórias	30 min.
► Análise dos aspectos comuns entre as lendas (gênero maravilhoso).	► Mostrar aos alunos os objetivos desse tipo de narrativa;	Após essa identificação, serão discutidos, a partir de indagações feitas aos alunos, os aspectos comuns entre as histórias.	Carteiras escolares	20 min.
► Lendas, narrativas e	► Relacionar os aspectos do	A partir das lendas contadas na roda,	TV E DVD ou PC e DATA-SHOW.	30 min.

imaginário amazônicos (Discussão e apresentação de vídeo-documentário).	imaginário das lendas regionais	a turma relacionará aspectos literários da narrativa, tendo como facilitador um vídeo documentário sobre essas narrativas.		
AULA 2				
► Leitura dos contos de <i>Como nasceram as estrelas</i>	► Mostrar a diferença da linguagem escrita e a oral, vista em forma de vídeo na aula passada e despertar a leitura compartilhada em forma de contação de história.	O professor pedirá aos alunos que primeiramente façam a leitura silenciosamente. Em seguida fará juntamente com eles a leitura e análise dos elementos da narrativa: Personagens, narradores, enredo, tempo, espaço.	Textos em apostila que deverá conter todos os contos, ficando a critério do professor escolher no mínimo dois, dependendo do tempo disponibilizado. Pode ainda ser disponibilizado em formato on-line, a depender da escola	40 min.
► Resolução de Exercícios de leitura e compreensão de textos.	► Colocar em prática os conhecimentos aprendidos.	O professor distribuirá questões para os alunos responderem, devendo comentá-las previamente.	Apostilas	30 min.
AULA 3				
► Mão na massa: Escrita de uma lenda pelos alunos	► Exercitar a escrita literária, a partir da expansão de conhecimentos	Os alunos receberão uma folha com 30 linhas, na qual eles deverão escrever um lenda, enquanto o professor os auxilia.	Folhas de papel com pauta	1 hora
► Após a escrita, voltará a roda de leitura. Dessa vez, cada um contará sua narrativa	► Fortalecer a confiança dos alunos e exercitar a escrita em língua portuguesa.	Cada aluno fará a leitura em voz alta de sua narrativa e em seguida, o professor recolherá os textos para edição de uma coletânea: "EJA literária".	Tapete de roda de leitura Folhas dos alunos	1 hora

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Na primeira aula, cujos objetivos estão no quadro único, sugerimos que se faça, após uma explicação sobre o que é uma narrativa oral e que todos os países e regiões possuem seus contos e lendas orais e, levando-se em conta que o aluno, a aluna não é uma tábula rasa, ou seja, traz seus conhecimentos, contar-se-ão algumas dessas narrativas, dando preferências às mais conhecidas e interessantes. O recurso didático resume-se a um tapete no chão, formando uma roda de conversa a fim de que todos os presentes possam livremente narrar suas histórias. Este momento é especial porque, no geral, os discentes gostam de se expressar e tal procedimento imprime um protagonismo a eles e elas, o que é necessário ao bem estar de todos. Professor e aluno são partes a compor um todo alegre e harmônico.

Também faz parte dessa aula um estudo das características afins entre os diversos tipos de lendas regionais, tais como as personagens curiosas – o Curupira, a Matinta Pereira, só para citar dois exemplos do imaginário brasileiro –, o maravilhoso dessas histórias, que, segundo Moisés (1988, p. 318), constitui a “intervenção dos deuses no plano terreno e/ou em toda mudança”, a qual se opera nas obras literárias, “provocada por agentes sobrenaturais ou não”. Tais seres do outro mundo provocam indagações, próprias da categoria literária do fantástico: eles podem vir a existir? Ou não? Essas questões, que nascem dos alunos e alunas ou que o docente provoca nestes, colaboram para a elucidação do conteúdo disciplinar fantástico-maravilhoso, que encontramos em todas as narrativas fictícias, atraindo o leitor-ouvinte a um mundo mágico interessante a pessoas de todas as idades e nações.

Outro aspecto a conferir em sala de aula como fechamento desse dia será a discussão gerada pela apresentação de que um vídeo-documentário – outro gênero textual a se estudar, uma vez que os documentários são elaborados a partir de pesquisa séria sobre um tema específico. As discussões, desde que sejam bem conduzidas na escola, ajudam os discentes a construírem (ou desconstruírem) seus argumentos, porque com elas, confrontam-se os pontos de vista, analisam-se os dois lados de uma questão e elucidam-se alguns lances e atitudes que assumimos movidos por paixões, sem, muitas vezes, termos tido a oportunidade de questionar e refletir sobre eles de forma mais racional e objetiva.

A literatura ou “quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista” (Barthes, 2013, p. 19). Ela se baseia na realidade, é fruto desta, nasce com ela ou inspira-se em fatos, não só porque há mais mistérios entre céus e terras, mas também porque o ser humano

embarca na nave espacial da criação e da imaginação. Nós precisamos da fantasia, pois o mundo real é, muitas vezes, inóspito e insabor, e precisamos dessa bela fuga, a de alimentar o coração e a mente de personagens inesquecíveis que nos façam acreditar no milagre, conforme afirma a própria Clarice Lispector (1999).

A segunda aula se ocupará com as leituras de contos genuinamente brasileiros. Com eles, aprenderemos acerca das diferenças entre a linguagem escrita e a oral, seus mecanismos naturais ou não, sua distância já que nem tudo o que falamos, escrevemos. Também utilizando-se de um vídeo – uma vez que hoje somos mais visuais – com contadores de histórias que atuam na área, mostrar-se-á como crianças e adultos ficam hipnotizados frente a uma boa e bem contada história. Sugeriremos como estratégia para maior treino da compreensão dos textos, leituras silenciosa, antes dos debates orais, e compartilhada.

Hoje, jovens e adultos fazem demasiada leitura, mas de assuntos que, frequentemente, não têm o potencial reflexivo da literatura. Ocupamo-nos de notícias da internet (sobretudo nas redes sociais), as mais das vezes ruins sobre o que se passa em nossa cidade, país e mundo. Daí a importância das leituras silenciosa e compartilhada, aquelas que obrigam o sujeito a parar e esquecer tudo à volta e direcionar a mente para a obra literária, seus temas e usufruí-los com parceiros, partilhando com eles o que há de melhor nos livros.

A aula finalizar-se-á com a feitura dos exercícios a fim de que os objetivos desta (expressos no quadro acima) possam ser alcançados. Exercícios são uma das partes essenciais em uma sala de aula ou mesmo podendo ser terminados em casa, pois pretendem representar o real aprendido. Sabe-se que aprende-se mais se a aula é significativa, ou seja, quando ela atinge uma parte do coração do expectador ou ouvinte, vai lá no fundo. Só aprendemos nos momentos mais marcantes, aqueles que, de alguma forma, nos atingem e nos tocam a sensibilidade e nunca mais esquecemos daquele conteúdo, daquela professora que soube divertir e ensinar ao mesmo tempo, com afetividade e método.

Ao corrigir tais atividades deve o docente ser teórico e prático a um tempo só. Escolher-se-ão dois contos a fim de não cansarmos nosso educando, mas o suficiente para que ele possa conhecer sobre as personagens, o tipo de narrador da história, seu enredo etc., tudo o que for pertinente nas narrativas e, o mais importante, o aluno saberá que sua própria vida é uma história que poderia ser contada por ele mesmo (narrador-personagem) ou por outra pessoa (narrador-

observador). Ligar o assunto tratado com a vida real dos discentes é uma estratégia que tem chances de dar certo na aprendizagem.

Finalmente a terceira (aqui colocamos apenas três aulas. As demais surgirão a partir desta tríade inicial) aula irá propor aos discentes que assumam a composição de uma escrita com base (ou não) em uma das lendas estudadas. A partir do conto lido pode-se escrever livremente e contar a sua história. Poder-se-á criar ou recriar tendo como instrumento de inspiração histórias que foram narradas por mães, pais, avós, tios ou professores. Após dado um tempo para esse trabalho, que deverá dispor de silêncio e concentração, cada um dos novos “escritores” lerá sua narrativa em voz alta. Esse é o momento de culminância, uma vez que o aluno terá seu protagonismo quando voltarmos para o tapete de roda de leitura.

O conto trata-se de uma narrativa curta, sem muitas personagens e apenas contendo um conflito. Diferente da novela literária e do romance, este mais complexo e com várias personagens e dramas (sendo um central ao qual os outros giram em torno dele), e aquela mais longa que o romance porém não tão breve quanto o conto, este possui muitas modalidades, fábulas, apólogos, parábolas, contos de fada... Constituem os episódios de uma vida fictícia ou não, pois cada cena ou etapa de nossa existência pode se transformar em um conto. Moisés (1987, p. 15) o define como “historieta” porque é simples de ser criado. Essa facilidade da história curta é-nos oportuna por oferecer ao discente o aprender, deleitando-se, sem que se exclua de um dos atos mais importantes para a escola: o conhecimento pelo prazer de conhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, as estórias são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. Assim sendo, a narrativa é uma forma de conhecimento, similar à própria realidade. O texto literário preenche uma necessidade humana importante, que é a “de nos sentirmos essenciais em relação ao mundo” (Sartre, 1989, p. 34). Ao perceber o objeto como essencial, o sujeito adquire a sua essencialidade. Assim, é por meio do ato da leitura que o leitor, através do imaginário, torna-se capaz de “criar, de desvendar criando, de criar pelo desvelamento” (Sartre, 1989, p. 37).

Portanto, esse conhecimento não pode ser relegado a segundo plano na EJA, de modo que a proposta deste artigo foi resgatar o sabor do saber literário aos jovens e adultos inscritos no programa da EJA, de forma humanizada e capaz de potencializar suas habilidades. Não poderíamos ter escolhido obras mais humanizantes que as juvenis de Clarice Lispector, as quais, surpreendentemente, não foram muito exploradas no mundo acadêmico, o que ratifica ainda mais a importância deste projeto de letramento literário aplicado à Educação de Jovens e Adultos.

Esperamos, assim, que este trabalho contribua e se una a novas vozes em favor do letramento com o uso da literatura aplicado à EJA. A pesquisa revelou que o texto fictício dialoga com o real, como Wolfgang Iser, em *O ato da leitura*, evidencia: “o texto literário é uma figura fictícia; isso significa, em princípio, que ele carece dos atributos necessários do real” (Wolfgang, 1996, p. 101).

Logo, é preciso ter o conhecimento do real e de atos de fala para entender uma obra, pois os textos utilizam os objetos do real juntamente com a fala das pessoas para seus personagens e, dessa forma, “o discurso ficcional faz uma seleção das mais diferentes convenções que existem no mundo histórico” (Wolfgang, 1996, p. 114), de forma que a criação literária se torne fruto da junção entre “imaginação e conhecimento” (Feijó, 1995, p. 51). São, pois, os alunos da EJA os protagonistas desta nova escrita por uma educação brasileira que privilegie o aventurar-se pelo mundo da literatura para além do ensino mecanicista, mas tratados aqui com mais humanidade e literariedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Apresentação dos temas transversais, ética. **Ministério da Educação**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura:** a formação do leitor, alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 12. ed. Revisada e ampliada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. pp. 169-191.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura:** arte, conhecimento e vida. São Paulo: Petrópolis, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2009.

DIAS, Maria Heloisa; OLIVEIRA, Sônia Helena; PITERI, Raymundo (Org.) **A literatura do Outro e os Outros da literatura**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é o herói**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

WOLFGANG, Iser. **O ato da leitura**. Trad. Johannes Krestschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1 e 2.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **A vida íntima de Laura e outros contos:** 'A mulher que matou os peixes' e 'A vida íntima de Laura'. Rio de Janeiro: JPA, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Como nasceram as estrelas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **O mistério do coelho pensante**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. Por que escrever? In: **Que é a Literatura?**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012. (Série Literatura em foco).

Sobre as autoras

Márcia Denise da Rocha Collinge

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, com período sanduíche na Yale University (UFPA/Yale University)

Contato: io.marciadenise@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0688-5674>

Maria da Luz Lima Sales

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora (Portugal)

Contato: madaluz@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4968-0540>

Artigo recebido em: 31 de outubro de 2023.

Artigo aceito em: 9 de dezembro de 2023.